

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

CURSO DE PSICOLOGIA

Centro de Psicologia Aplicada

Núcleo de Clínica Psicodinâmica

**MODERNIDADE E DEPRESSÃO:
NOVOS SIGNIFICADOS PARA ESSA RELAÇÃO**

Aline de Accioly Sieiro

Aline Cristina Fadini

Trabalho de conclusão de curso
apresentado a Banca examinadora da
Universidade São Judas Tadeu como
requisito parcial para a conclusão da
Graduação em Psicologia.

Orientador: Luis Antonio Gomes Lima

São Paulo

2005

**MODERNIDADE E DEPRESSÃO:
NOVOS SIGNIFICADOS PARA ESSA RELAÇÃO**

Resumo

Este trabalho tem como objetivo tratar da relação sintoma e sociedade, mais especificamente da depressão e da modernidade, focalizando como a relação destas afeta a subjetividade das pessoas na atualidade. Para isso, primeiro é abordada a depressão como um fenômeno já estudado em diversas abordagens, mas principalmente na psiquiatria e na psicanálise, fundamentalmente de acordo com a obra freudiana. Na seqüência são discutidas algumas definições de modernidade, e em seguida, é abordada a relação que se estabelece entre essas duas instâncias.

Palavras-chave: Depressão, modernidade, psicanálise.

Parecer de recomendação do trabalho

Recomendo o trabalho de conclusão de curso *Modernidade e depressão: novos significados para essa relação* por ter alcançado no processo de sua elaboração e na forma final a qualidade que o habilita a uma apreciação dos colegas pesquisadores na área. A temática escolhida e a problematização realizada são fundamentais para consolidarmos a especificidade do fato psicológico articulada às multideterminações que o constituem, e às quais se vê constantemente reduzido, como é o caso da depressão, concebida muitas vezes apenas como doença mental e não como sofrimento humano complexo, para além de sua configuração neuroquímica. Considerando a dimensão histórico-social em que a subjetividade se constrói, a preocupação é resgatar o fenômeno da depressão como categoria constitutiva do mal-estar na civilização.

A participação no prêmio Silvia Lane muito nos orgulha e nos honra, e acreditamos que com as reflexões realizadas poderemos nos juntar a todos os outros trabalhos convergindo com os esforços para construir uma psicologia comprometida com um mundo mais justo e mais humano.

Luís Antônio Gomes Lima

*Dedico este trabalho para minha mãe,
mais do que mãe, amiga. (A. Accioly)*

*Dedico este trabalho para minha família
e a minha amiga Aline. (A. Fadini)*

Índice

Resumo	p. 05
Abstract	p. 06
Agradecimentos	p.07
Introdução	p. 09
Metodologia de Pesquisa	p. 13
Primeira Parte: Depressão	p. 16
1.1 A depressão: definição em diferentes abordagens	p. 16
1.2 A depressão na psiquiatria e na psicanálise: investigação das origens dessa forma de sofrimento psíquico (elementos e componentes)	p. 19
1.3 Definição de depressão (sintomas)	p. 25
1.4 A etiologia da depressão (origens, causas)	p. 30
1.5 A depressão como forma de mal estar na civilização: tensão sujeito– sociedade e sua expressão na vida moderna	p. 32
Segunda Parte: Modernidade	p. 35
2.1 o que é modernidade: a sociedade atual	p. 35
2.2 A modernidade e suas conexões com os processos de subjetivação (relações sociais e construção da subjetividade no capitalismo)	p. 42
Terceira Parte: novos significados para a relação	p. 52
3.1 novas investigações psicanalíticas acerca da depressão	p. 52
Conclusões	p. 61
Bibliografia	p. 66

Resumo

Este trabalho tem como objetivo tratar da relação sintoma e sociedade, mais especificamente da depressão e da modernidade, focalizando como a relação destas afeta a subjetividade das pessoas na atualidade. Para isso, primeiro é abordada a depressão como um fenômeno já estudado em diversas abordagens, mas principalmente na psiquiatria e na psicanálise, fundamentalmente de acordo com a obra freudiana. Na sequência são discutidas algumas definições de modernidade, e em seguida, é abordada a relação que se estabelece entre essas duas instâncias.

Abstract

This work aims at studying the relationship between symptoms and society, focusing specifically at depression and modernity and the way this relation affects people's subjectivity nowadays. In order to carry out this research first the phenomenon of depression is discussed having in mind some approaches this subject has had, mainly in the studies on Psychiatry and Psychoanalysis according to Freud's work. Then, some definitions about modernity are lighted up so to discuss the established relation between these two instances.

Agradecimentos

À minha amiga Aline Accioly, que me ensinou muito sobre a vida e sobre amizade, este trabalho só tem sentido porque um dia tivemos significado pra esta idéia.

À minha família por todo apoio, amor e carinho que me fizeram chegar até aqui e me manter até aqui.

À todos professores que tive a oportunidade de conhecer durante o curso, que me ensinaram muito sobre a teoria, sobre a formação, e sobretudo sobre a vida.

Aos amigos e a todas as pessoas especiais que contribuíram para minha formação.

Aline Fadini

À todos os professores que em muito me ensinaram, mas em especial os professores Luis Guilherme e Vera Beres, pelo apoio nos momentos que achei que não ia conseguir.

Ao professor Hélio pelas maravilhosas aulas sobre o capitalismo contemporâneo, e as leituras de R. Sennet.

Ao professor Luis Antonio pela paciência, pelas conversas e discussões, pelas leituras nos finais de semana, enfim, por todos os momentos que ajudou e incentivou a realização deste trabalho.

Aos meus amigos e familiares, em especial Aline, pois sem ela talvez eu não estivesse me formando este ano.

Aos meus filhos Gabriel e Vinicius, pela paciência que tiveram quando tive que ficar horas e horas escrevendo este trabalho.

Ao Rodrigo, pelas horas de discussão, pela paciência que sempre teve comigo e pelo apoio carinho e amor que me dedica.

Ao meu pai, por todos os ensinamentos e pelo financiamento dos cinco anos de curso.

E finalmente para minha mãe, doutora, amiga, meu exemplo. Por todas as vezes que leu meu trabalho, por ter me incentivado sempre a escrever e pesquisar.

Aline Accioly

Introdução

Ao estudar a relação existente entre a subjetividade, o trabalho e a psicologia institucional ao longo do curso de psicologia, analisamos o chamado capitalismo contemporâneo, um novo modelo de capitalismo vivido no mundo atual (Sennet, 1999), e que conseqüentemente mudou em muito a relação homem-mundo, seja ela no trabalho, na família ou em qualquer outra área. Hoje, por exemplo, muitas pessoas fazem as escolhas de suas profissões não pela identificação que tem com ela, e sim pelo salário que poderão ganhar depois de formados. Outras pessoas dedicam quase que todo tempo de suas vidas ao trabalho (para um retorno financeiro), no desejo de ter uma vida de luxos e tecnologia, e assim, sem notar, acabam por não deixar tempo para outras áreas da vida, como por exemplo, os relacionamentos e o lazer.

O mais interessante e que nos chamou muito a atenção foi como o assunto tocava cada colega presente no curso, durante o estudo descrito no primeiro parágrafo deste texto: muitas pessoas se identificavam com o modelo apresentado, lembrando situações vividas ou até mesmo sentimentos ainda presentes em suas vidas. Essa proximidade entre teoria e prática ficava evidente nas brincadeiras e conversas, que passavam a culpar o capitalismo contemporâneo pelos sofrimentos vividos na modernidade. Muitos se perguntavam sobre o porquê desse desejo intenso de possuir sempre o último celular da moda, ou mesmo sobre o porquê da necessidade de mudanças o tempo todo, como se tudo na vida tivesse que ser muito rápido, uma corrida contra o tempo.

Procurando novos textos que tratassem do assunto, encontramos, no material estudado, idéias, palavras e artigos que pareciam estar sempre falando da mesma coisa: a existência de uma forma de capitalismo que traz valores à nossa sociedade (como flexibilidade, individualidade, impessoalidade nas relações, entre outros), em qualquer lugar do mundo, porém valores estes que causam muito sofrimento, angústia, frustração e medo. Não é à toa que hoje existem altos índices de doenças psicológicas como a depressão, o estresse, enfim, modalidades de sofrimento psíquico que mostram que os valores desse novo modelo não estão ajustados e alinhados aos valores humanos.

Desta forma, decidimos nos aprofundar no tema, que se mostra tão atual e tão próximo do modelo de sofrimento vivido por tantas pessoas nos dias atuais.

Durante a pesquisa, nas leituras de artigos e livros, nota-se que a interação indivíduo e sociedade não é um assunto novo em psicologia. Não é de hoje que se estuda sobre como essa interação ocorre e quais efeitos resultam nos indivíduos. Desde o estabelecimento dos princípios e dos conceitos fundamentais que constituíram a teorização psicanalítica em Freud, reconhece-se que toda a discussão acerca do aparelho psíquico implica necessariamente a consideração da sociedade na qual o sujeito está inserido.

O que se propõe nesta pesquisa, porém, é tratar dessa interação na atualidade, destacando o que muda, e com que tipo de sociedade e indivíduo se está lidando na modernidade. Será abordado também o sofrimento psíquico causado pelo novo modelo de sociedade, mais especificamente a depressão, que tem sido muito estudada por autores,

como Kehl (2003) e Roudinesco (2000), e que é vista como um dos resultados dessa interação entre indivíduo e sociedade, na atualidade. É importante aqui lembrar que, segundo estatísticas divulgadas pelo Laboratório de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, em São Paulo, 73,6% da população está comprometida em graus diferentes em algum tipo de transtorno psicológico, e somente 26,4% pode ser considerada "normal" ou sem qualquer tipo de transtorno. (apud Barbosa 2003). A pesquisa, realizada recentemente, aponta que 46% das pessoas com transtorno são portadoras de depressão.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo o aprofundamento sobre o novo significado dado à depressão e sua relação com a modernidade, de forma a discutir os conceitos em causa e também um debate sobre as produções atuais relacionadas ao tema.

Freud (1930) em seu artigo *O mal estar na civilização* convoca os psicanalistas a se ocuparem do mal estar do homem no mundo civilizado e a se interessarem pela subjetividade contemporânea. Isso porque a psicanálise está interessada na causa da insatisfação e da angústia do sujeito com o mundo dos objetos. Essa insatisfação já havia sido notada por Freud desde então, pois sua experiência clínica o levou a pensar a tensão nas relações entre sujeito e sociedade e nas formações sociais construídas como respostas ao conflito, que acabava por acarretar mais sofrimento do que seu enfrentamento. O que muda hoje é a realidade em que esse sujeito vive; estamos face à dialética entre subjetividade e sociedade na linha do tempo das relações sociais. Ao estudar as modalidades do sofrimento psíquico, os sintomas, compreende-se a sociedade da qual os sujeitos fazem parte, ao mesmo tempo em que ao estudar a sociedade e suas

formações compreende-se as modalidades de sofrimento psíquico presentes na história de vida dos homens, num determinado tempo histórico.

Para melhor desenvolver o presente estudo, primeiro serão abordadas as principais questões que já foram estudadas sobre depressão, os diferentes conceitos elaborados para sua explicação e compreensão na psiquiatria e na psicanálise, seus sintomas, suas causas, para assim poder diferenciar o modelo de depressão que pretendemos discorrer neste trabalho. Na seqüência, serão discutidas as relações entre sujeito e sociedade, resultado das alterações da vida moderna. Para finalizar, discute-se como é vista a depressão no contexto da psicanálise, em conexão com as problematizações sobre a modernidade.

Metodologia de Pesquisa

O presente trabalho tem como objetivo um estudo bibliográfico para o aprofundamento sobre o novo significado dado à depressão e sua relação com a modernidade, de forma a discutir conceitos já propostos e também um debate sobre as produções atuais relacionadas ao tema.

Este estudo é importante, pois permite a investigação e maior compreensão do fenômeno de depressão dentro de uma mesma sociedade e suas relações com esta.

O estudo terá como operadores o materialismo histórico e a psicanálise, em torno de uma concepção de sujeito tomado como expressão da totalidade da vida social. O estudo bibliográfico será articulado com a discussão crítica dos fenômenos em questão na forma como comparecem na literatura científica que lhe é específica, levando em conta sobremaneira o contexto sócio-político em que é engendrado. Ações essas que, ao longo de todo o trajeto de pesquisa, visa a uma atitude efetivamente dialética no interior do tema em investigação.

Como suporte teórico para a reflexão sobre o tema, serão adotados como referência a concepção materialista histórica na vertente da psicologia social e a psicanálise. Uma vez que será abordada uma estrutura clínica na sua relação com a sociedade, a psicologia social nos servirá de referência principalmente na visão materialista histórica, pois, segundo Patto (1993), a adoção desta concepção coloca o pesquisador diante da *necessidade de criticar a ciência positiva tomando por base a filosofia da totalidade* (p.03). Ou seja, não aceitar como verdade absoluta um conhecimento, e sim fazer da pesquisa um meio pelo qual se *pode decifrar os fatos, revelar-lhes a*

estrutura oculta, pois para a autora a ciência não é a *sistematização do óbvio*, pois a *obviedade não coincide com o desvelamento do real* (p.03).

O materialismo histórico propõe um procedimento de conhecimento que parte do concreto para o abstrato, ou seja, analisa a teoria e os dados coletados de forma crítica, particular a cada especificidade social e individual. Ainda de acordo com Patto (1993), o materialismo histórico propõe, diante do dado analisado, uma postura inicial de distanciamento e estranhamento do que soa natural, pois esta permite um pensamento reflexivo dos fatos, de forma a pensar a relação indivíduo e sociedade como algo não cotidiano.

Para Lefèbvre (1979), o método dialético permite ao pesquisador o alcance das situações concretas, pois atenta para as condições reais e históricas na relação entre sociedade e indivíduo, não de forma isolada, mas na análise da relação em si, uma vez que o indivíduo não existe sem as relações sociais. A discussão que esse método permite, para Lefèbvre (1979), surge no confronto de duas oposições: a afirmação e a crítica. Assim o método dialético tem por base as contradições, ou seja, o confronto de tudo que não soa natural na busca da verdade.

Lefèbvre (1979) diz ainda que o método dialético, diante de uma realidade considerada objetiva, primeiro:

Analisa metodicamente os aspectos e os elementos contraditórios a essa realidade, e após ter distinguido os aspectos contraditórios, reencontra-se a unidade, ou seja, o conjunto desse movimento. (p. 26)

A psicanálise, por sua vez, será utilizada como base teórica, pois nos permite analisar a oposição entre sujeito e sociedade, que, para a

psicanálise é inerente, inevitável a qualquer sujeito. Nessa análise, a psicanálise permite a utilização da fala do sujeito, pois segundo Roudinesco (2000):

O sujeito freudiano é um sujeito livre, dotado de razão, mas cuja razão vacila no interior de si mesma. É de sua fala e de seus atos, e não de sua consciência alienada, que pode surgir o horizonte de sua própria cura (p. 69).

A autora prossegue, afirmando que nisso a psicanálise é única, pois:

Instaura o primado de um sujeito habitado pela consciência de seu próprio inconsciente, ou ainda pela consciência de seu próprio desapossamento. Em outras palavras, o sujeito freudiano só é possível por pensar na existência de seu inconsciente, no que é próprio de seu inconsciente. Do mesmo modo, só é livre porque concorda em aceitar o desafio dessa liberdade restritiva e porque reconstrói sua significação (p. 70).

A utilização destas duas bases teóricas pretende abrir espaço para uma discussão crítica e aprofundada sobre a teoria abordada nesta pesquisa.

Primeira Parte: Depressão

Esta primeira parte do trabalho tem como objetivo expor os pressupostos teóricos que embasam o estudo realizado. Muitos são os autores e as teorias que discorrem acerca do tema, portanto, aqui serão usados como referência as teorias psiquiátricas e psicanalíticas, principalmente da obra freudiana.

Primeiro será feita uma investigação das origens do sofrimento psíquico chamado de depressão, para, na seqüência, discutir as definições e a etiologia da depressão, finalizando-se com o seu debate como forma de mal estar na civilização.

1.1 A depressão: definições em diferentes abordagens

O termo depressão propriamente dito foi usado pela primeira vez em inglês, em 1660. Capitão & Mesquita (2005) assumem que a depressão já era estudada desde os primórdios da civilização. Hipócrates, em seu tempo, já havia diferenciado quatro tipos de temperamento, sendo que um deles era chamado de *melancólico*, o que hoje equivaleria à depressão.

Capitão & Mesquita (2005) discorrem sobre os transtornos depressivos, enquanto manifestação de sintomas relacionados às condições psicológicas, orgânicas e hereditárias. Segundo esses autores, a depressão ocasiona um tipo de sofrimento que interfere significativamente na vida das pessoas e atinge todos os tipos de pessoas, em todas as idades e condições econômicas. Para eles, as pessoas apresentam flutuações de afeto nas respostas aos acontecimentos do cotidiano, porém, em algumas delas, essas respostas ocorrem de forma mais intensa e persistente.

Segundo Holmes (2001), a depressão é um estado emocional caracterizado por sentimento de intenso desânimo que contagia o sujeito como um todo, e proporciona sensações não só psíquicas, mas também relacionadas ao corpo. Como consequência disso, o sujeito muda sua forma de se relacionar consigo mesmo e com os outros, pois passa a encarar a vida de um jeito diferente. Para esse sujeito, é como se a vida não tivesse mais sentido, todas as ações passam a não ter um sentido, a pessoa perde o objetivo de viver.

Para Ballone, Ortolani e Pereira Neto (2002), a depressão é uma doença crônica, que influencia e muda completamente a forma de viver de um sujeito, e a forma de interpretar os eventos da vida.

Solomon (2001) acredita que a depressão é uma imperfeição no amor, e por isso quando acontece, pode degradar o eu do sujeito e destruir toda capacidade de dar e receber afeto. O modo como cada pessoa lida com esse sentimento muda de acordo com o sujeito. Algumas chegam a tentar o suicídio devido a tamanho sofrimento. Outras pessoas conseguem suportar a dor e buscam tratamento, para minimizar a dor e continuar a viver a vida de forma prazerosa.

O manual de doenças DSM-IV (1995) classifica, de modo geral, a depressão da seguinte forma: Transtorno Depressivo Maior, Transtorno Distímico, Transtorno Ciclotímico, Transtorno do Humor. O Transtorno Depressivo Maior pode ser precedido pelo Transtorno Distímico.

Para a Psiquiatria, a depressão é uma doença do organismo como um todo, que compromete o físico, o humor e, em consequência, o pensamento. A depressão altera a maneira como a pessoa vê o mundo e sente a realidade, entende as coisas, manifesta emoções, sente a

disposição e o prazer com a vida. Ela afeta a forma como a pessoa se alimenta e dorme, como se sente em relação a si próprio e como pensa sobre as coisas. Portanto, para a Psiquiatria, a depressão é uma doença afetiva ou do humor, não é sinal de fraqueza, de falta de pensamentos positivos ou uma condição que possa ser superada apenas pela força de vontade ou com esforço.

Para a Medicina, a depressão é biologicamente mais entendida como um mau funcionamento cerebral do que uma má vontade psíquica ou uma cegueira mental para as coisas boas que a vida pode oferecer. A pessoa deprimida sabe e tem consciência das coisas boas de sua vida, sabe que tudo poderia ser bem pior, pode até saber que os motivos para seu estado sentimental não são tão importantes assim, entretanto, apesar de saber isso tudo e de não desejar estar dessa forma, continua muito deprimido. Portanto, as doenças depressivas se manifestam de diversas maneiras, da mesma forma que outras doenças, como, por exemplo, as do coração.

O quadro a seguir expõe uma síntese das perspectivas teóricas em que a depressão tem sido estudada e compreendida neste item.

Quadro 1 - Depressão

Autores	Entendimento sobre a depressão
Capitão & Mesquita (2005)	Orgânico e hereditário.
Holmes (2001)	Um estado emocional caracterizado por sentimento de intenso desânimo que contagia o sujeito como um todo.
Balloni, Ortalani e Pereira Neto (2002)	Doença crônica que influencia no modo de ver a vida.
Hipócrates	Um tipo de temperamento.
Solomon (2001)	É uma imperfeição no amor, sentimento com o qual alguns conseguem lidar e outros não.

DSM-IV (1995)	Um transtorno do humor.
Psiquiatria	Doença afetiva do organismo como um todo.
Medicina	Um mau funcionamento cerebral.

Fonte: autoras com base nos pressupostos teóricos estudados

Até o presente momento podemos notar algumas diferenças na definição de depressão. Com exceção de Holmes e Solomon, todas as outras abordagens consideram a depressão como uma doença orgânica, um mau funcionamento do organismo em algum sentido. Por isso se torna importante, no próximo item o estudado da abordagem psicanalítica, principalmente freudiana, para o entendimento de outra vertente sobre a depressão.

1.2 A depressão na psiquiatria e na psicanálise: investigação das origens dessa forma de sofrimento psíquico (elementos e componentes)

A investigação da melancolia acompanha Freud desde a última década do século dezenove. A melancolia recebeu a atenção de Sigmund Freud desde a pré-história da psicanálise. No *Rascunho A*, escrito em 1895, Freud inclui entre suas teses duas indicações sobre a depressão, e a apresenta como uma forma de neurose de angústia. No *Rascunho B* de 1983 ele retoma essa tese, porém passa a diferenciar a depressão periódica branca da melancolia propriamente dita. Isso porque, para Freud, a depressão teria uma ligação racional com um trauma psíquico, onde este funcionaria como a causa provocadora, ou seja, o fator desencadeante.

Nesta época, não só Freud discutia o assunto, mas também muitos psiquiatras, como Kraepelin. Em seu trabalho, Kraepelin (1883) classificava

a melancolia como uma doença hereditária, e que se desencadeava frente a episódios de vida desfavoráveis ao sujeito. Essa concepção deste autor estava bem próxima à primeira concepção freudiana descrita no parágrafo anterior. E é no *Rascunho G* (1895) que Freud utiliza as nomenclaturas de Kraepelin para falar sobre a melancolia. Segundo Masson (1986), neste rascunho a melancolia refere-se a estados depressivos causados por perda ou desvio de uma excitação sexual psíquica, ou seja, a melancolia seria um luto pela perda da libido. Freud (1895) escreve que a melhor descrição seria que a melancolia é uma *inibição psíquica com empobrecimento pulsional e dor a respeito dele*. (p.98)

Masson (1986) complementa que Freud continuou seu estudo, e no *Rascunho K* identifica a melancolia como *um sentimento de pequenez do ego*. (p.99)

Segundo Fuentes (1999), até este momento é possível perceber, na literatura freudiana, que o mesmo identifica a existência da melancolia e da depressão (neuroses), e de alguma forma tenta agrupá-las na mesma categoria clínica, já que eram tratadas da mesma forma. A autora complementa que após o *Rascunho K*, não se encontram mais textos oficiais que se refiram ao termo depressão, porém o estudo com o nome de melancolia prossegue, incluindo nesta nomenclatura também a noção de depressão. Foi então com os estudos de Freud (1912), que ligavam a doença com as questões voltadas à libido, que as atenções para a depressão foram novamente ressaltadas.

Freud (1912), em seu trabalho *Luto e Melancolia*, tentou abordar de forma mais específica um dos sofrimentos do sujeito nas suas relações objetais, pois para ele esse sofrimento, (que na época nomeou de

melancolia), lhe parecia enigmática, por não ser possível ver sua causa, e também pelo fato de absorver o sujeito internamente de forma tão completa. Segundo Freud, esse sentimento seria de tamanha força, capaz de gerar no sujeito melancólico o empobrecimento do seu ego. Segundo o autor, na melancolia, o ego fica vazio de significado e sentido. O ego melancólico fica desvalorizado, e por isso o sujeito acredita que merece ser punido e repreendido, pois não vê valor em si mesmo.

A melancolia¹ aparece como um momento penoso, no qual o sujeito perde o interesse pelo mundo, por toda e qualquer atividade, e até por si mesmo. Esse desinteresse gera uma diminuição da auto-estima do sujeito, e este tenta de toda forma se punir pelo sofrimento que está passando. Ainda segundo Freud (1912), a melancolia seria um estado complexo exatamente porque sua relação com o objeto não é simples, e sim ambivalente. É como se o amor e o ódio estivessem em guerra, e essa luta estaria acontecendo dentro do próprio ego do sujeito. Assim, o ego sucumbiria ao complexo e se enfureceria contra si mesmo, de tal forma que para o sujeito só fosse possível ver uma solução: a autopunição e o esvaziamento de si mesmo.

Mas Freud não foi o único a estudar a depressão. Atualmente, Fenichel (2000) amplia a abordagem freudiana, dizendo que os sujeitos melancólicos possuem um superego severo, pois se sentem culpados da agressividade demonstrada para com seu objeto amado. Os sujeitos melancólicos se sentem como objetos amados perdidos, embora não assumam todas as características do objeto. O ego é sentido como objeto

¹ Segundo Fuentes (1999), é importante destacar que em seus estudos, Freud por vezes fala da melancolia e da depressão como se fossem muito similares. Por isto aqui neste trabalho suas nomenclaturas serão também tratadas da mesma forma.

mau e eventualmente esse objeto interno mau ou o objeto amado perdido é transformado em superego sádico. O ego passa, então, a ser uma vítima do superego, desamparado e sem poder.

Ainda na abordagem psicanalítica, Winnicott (1996), acredita que a depressão é nada mais do que um ódio reprimido e desejos de morte, que levam à inibição dos impulsos instintivos. É um sentimento de culpa por algo que funciona de forma antecipada, se voltando contra o sujeito.

Para o psicanalista Fedida (2002), a depressão é uma forma de adoecimento, uma perturbação típica da afetividade humana que pode estar presente em todos os quadros de adoecimento. Diferenciando os *estados depressivos da melancolia*, Fedida (2002) reconhece que:

O estado de imobilização e cristalização (da depressão) aparece com freqüência como última defesa vital contra o desabamento melancólico e a hemorragia da culpabilidade e da vergonha (p. 177).

O autor complementa que a depressão é:

A doença própria a um afeto congelando a vida humana, por meio de todos os quadros clínicos, sendo que na depressão vital o sujeito não mais dispõe de sua capacidade de ressonância (p. 11).

Isso porque a ressonância originária, aquilo mesmo que o humanizou, é o que se encontra em estado de falta no deprimido: ele realizou um movimento de fechamento a sentir os menores movimentos da vida. Desapareceram desejos e devaneios e, por isso, o aniquilamento:

Quase nem chega a ser um afeto que se experimenta e parece muito distante da percepção de um sofrimento vivido

pele sujeito. O pensamento, a ação e a linguagem parecem ter sido totalmente dominados por uma violência do vazio. (p. 9)

Na obra lacaniana, segundo Fuentes (1999), são raras as passagens em que o autor faz referências diretas ao tema, pois ao invés de utilizar o termo depressão, utiliza a chamada *dor de existir*. A autora complementa que Lacan trata essa dor como consequência do existir no império da linguagem, ao qual está destinado todo ser humano e que emerge quando o desejo se retrai e avança o gozo da pulsão de morte.

O quadro a seguir expõe uma síntese das perspectivas teóricas em que a depressão tem sido estudada e compreendida neste item.

Quadro 2 – Depressão na psicanálise

Autores	Entendimento sobre a depressão (melancolia)
Kraepelin (1883)	Uma doença hereditária desencadeada frente a episódios de vida desfavoráveis ao sujeito.
Freud <i>Rascunho A</i> (1895)	Uma forma de neurose de angústia.
Freud <i>Rascunho G</i> (1895)	Um luto pela perda da libido.
Freud (1986)	Um sentimento de pequenez do ego.
Freud (1912)	Um estado complexo que leva ao empobrecimento do ego do sujeito.
Fenichel (2000)	Uma sensação de culpa causada por um superego severo.
Winnicott (1896)	Um ódio reprimido e desejos de morte, que levam à inibição dos impulsos instintivos.
Fedida (2002)	Uma forma de adoecimento que impede a capacidade de ressonância necessária ao sujeito.
Lacan (apud Fuentes 1999)	Uma dor consequência do existir no império da linguagem.

Fonte: autoras com base nos pressupostos teóricos estudados

Até o momento podemos perceber algumas diferenças mesmo dentro da obra do próprio Freud. Inicialmente ele aproximava sua definição de melancolia/depressão da definição psiquiátrica de Kraepelin, porém, conforme foi desenvolvendo seus estudos, foi aos poucos mudando seu olhar para esse fenômeno, para finalmente, em 1912, tratar do assunto de uma forma mais profunda.

Outros psicanalistas também constroem suas definições sobre depressão, sendo que alguns, assim como Fedida (2002), ainda considerando o fenômeno como forma de adoecimento. Já Lacan inicia uma discussão em que passa a considerar a proximidade da depressão com uma dor que aconteceria simplesmente pelo fato de existir no mundo.

Antes de discutir os sintomas e causas da depressão, é importante observar o problema de nomenclatura que se estabelece até então. Jimenez (1997) aponta que luto, melancolia e depressão têm em comum a tristeza e o estado de espírito. Porém, segundo a autora, a depressão não é uma estrutura clínica.

Por isso é importante observar que Freud, em seus estudos até 1912 tentou aproximar os termos melancolia e depressão como se fossem quadros clínicos muito próximos, porém estudiosos do assunto atualmente tentem mostrar que existem muitas diferenças entre esses termos. Até porque, segundo Fuentes (1999) não foi encontrado em Freud uma teoria já estabelecida para a depressão; o conceito de depressão tal como é concebido atualmente não existia há cem anos atrás. O que é possível perceber, para essa autora, na obra freudiana, é que a melancolia descrita por ele em seus trabalhos muitas vezes equivale à depressão.

1.3 Definição de depressão (sintomas)

Como já exposto, a depressão tem sido entendida de diferentes formas ao longo dos anos. Embora haja similaridades, há também diferenças que levam a perspectivas distintas sobre os sintomas observados no sujeito em depressão. Para alguns autores, a depressão tem seus sintomas mais observados no campo do psíquico enquanto para outros os sintomas podem também ser notados no campo bio-fisiológico.

Segundo Graef & Brandão (1993) a depressão envolve sintomas diversos, sendo os mais comuns a tristeza, a sensação de abandono e a culpa. Já Cordas (2002) caracteriza a depressão como um período entre duas a cinco semanas no qual sintomas como ansiedade, diminuição da libido, sensação de desânimo e insônia podem ocorrer. Para Zimerman (1999), o estado depressivo nem sempre se manifesta no afeto; pode aparecer em outras atitudes como somatizações, conduta destrutiva, etc. Já para Lafer, Almeida e Fráguas Junior (2000), algumas características básicas da depressão (como tristeza, sensação de desânimo, entre outros) podem deixar de aparecer em alguns pacientes, e por isso se torna difícil o diagnóstico em muitos sujeitos.

Segundo o DSM-IV (1995) os sintomas típicos da depressão se desenvolvem ao longo de dias a semanas, sendo comuns os sintomas prodômicos (por exemplo: ansiedade generalizada, ataques de pânico, sintomas depressivos subliminares).

Para a Psiquiatria, a depressão, de um modo geral, resulta numa inibição global da pessoa, afeta a parte psíquica, as funções mais nobres da mente humana, como a memória, o raciocínio, a criatividade, a vontade, o amor e o sexo, e também a parte física. Enfim, tudo parece ser difícil,

problemático e cansativo para o deprimido. Os sentimentos depressivos vêm do interior da pessoa e não de fora dela e é por isso que as coisas do mundo, as quais normalmente são agradáveis para quem não está deprimido, parecem aborrecedoras e sem sentido para o deprimido.

O quadro da depressão é o mais variável possível, de acordo com a personalidade da pessoa deprimida. Da mesma forma, como cada um reage diferente aos sentimentos, cada um terá uma maneira pessoal de manifestar sua depressão. Há pessoas que ficam caladas diante das suas preocupações, outras choram, outras contam suas dificuldades para todo mundo, outras sentem dor de estômago, alguns têm aumento da pressão arterial, enfim, cada um reagirá diferentemente diante de suas emoções.

Para alguns acontece da depressão se manifestar através da Síndrome do Pânico, por exemplo, sem tristeza, sem desânimo e sem choro, enquanto para outros ela se apresenta sob a forma típica, com tristeza, choro e apatia.

A depressão se caracteriza também por tipos próprios de esquema de pensamento. As idéias e crenças da pessoa deprimida são, freqüentemente, negativas. Apesar de essas idéias parecerem artificiais e completamente sem fundamento para as pessoas não-deprimidas, ou mesmo para o próprio deprimido quando não está em depressão, durante o momento em que o afeto está deprimido esses pensamentos parecem bastante verdadeiros. Depois de passada a crise de depressão, o próprio depressivo entende o absurdo de tais pensamentos.

Discutindo os pontos que foram mencionados até o presente momento, neste item, é importante ressaltar alguns aspectos do que foi

dito. A visão psiquiátrica e dos autores estudiosos dessa vertente defendem que a depressão é um estado que pressupõe sintomas perceptíveis no campo biológico/fisiológico. Porém, toda a tentativa de descrever essas características de forma objetiva, terminam por se basear em um conceito subjetivo, no caso, da personalidade. Ou seja, a depressão tem uma série de sintomas objetivos, mas que dependem da personalidade de cada pessoa. Isso quer dizer que, como suporte do referido sofrimento ao qual o sujeito se vê submetido, a psiquiatria acaba se embasando sempre em alguma instância psíquica.

Quando a psiquiatria defende que, durante a depressão, a pessoa crê em idéias *absurdas*, ou *sem sentido*, é importante lembrar o conceito freudiano de realidade psíquica, na qual tudo que o sujeito sente, pensa ou acredita quando está em depressão não são em nada absurdas para ele, já que esta é sua realidade, ou seja, tudo é muito *real* para quem vive a experiência da depressão. O sofrimento é legítimo, assim como seus pensamentos e atitudes acerca de sua vida.

Para fazer um debate com as idéias psiquiátricas acima descritas, faz-se necessário discutir os sintomas na abordagem psicanalítica freudiana.

Segundo Freud (1912), a análise da melancolia mostra que o sujeito, muitas vezes, só vê como solução a morte, pois, devido ao retorno da libido do objeto para si mesmo, ele só poderá se livrar do objeto livrando-se de si mesmo (já que o objeto agora se encontra dentro dele). Assim, passa a agir de forma hostil consigo mesmo, pois só consegue ver o fim do sofrimento na morte de seu próprio ego. É como se o ego e o objeto perdido se confundissem de certa forma; o sujeito não consegue mais diferenciá-los, e

para dar fim a tal sofrimento, deve dar um fim a si mesmo. Nos casos que não envolvem suicídio, o sujeito faz então uma tentativa de se esvaziar por completo, de forma que seu ego fique empobrecido, vazio de sentido.

O psicanalista Fedida (2002) complementa que os deprimidos não desejam mais depender de ninguém, cansaram-se de esperar pelo outro e, em certa dimensão, tornaram-se insensíveis, matando em si a necessidade de estar com alguém. Sentem que a origem de sua dor é um excesso de pensamentos e ruminções e por isso se torna tão difícil ajudá-los.

O quadro dois apresenta uma síntese dos sintomas da depressão, como abordado pelos autores estudados até o momento.

Quadro 3 – Sintomas da depressão

Autores	Sintomas da depressão
Graf e Brandão (1993)	Tristeza, sensação de abandono e culpa.
Cordas (2002)	Ansiedade, diminuição da libido, sensação de desânimo e insônia.
Zimmerman (1999)	Nem sempre afeto se manifesta no afeto. Aparece em somatizações e/ou conduta destrutiva.
Lafer, Almeida e Fraguas (2000)	Depende de indivíduo para indivíduo.
DSM-IV (1995)	Sintomas prodômicos (por exemplo: ansiedade generalizada, ataques de pânico, sintomas depressivos subliminares).
Psiquiatria	Afeta a parte psíquica, funções como memória, raciocínio, criatividade, vontade, o amor e o sexo. Tudo parece ser difícil, problemático e cansativo.
Freud (1912)	Tendência a agir de forma hostil consigo mesmo, se esvaziar por completo, autodestruição (suicídio/esvaziamento do ego).
Fedida (2002)	Não querer depender de ninguém, sente que tem excesso de pensamentos e ruminções, sentem-se

insensíveis a estímulos quaisquer.

Fonte: autoras com base nos pressupostos teóricos estudados

A psiquiatria e os autores que defendem uma linha organicista tendem a descrever os sintomas de forma objetiva, atendo-se a uma linha de trabalho que possa agrupar um conjunto de sintomas que seja o mesmo em todas as pessoas que manifestem um mesmo sofrimento. Neste ponto, Lafer, Almeida e Fraguas atentam para o ponto em que os sintomas, mesmo que descritos de formas as mais objetivas possíveis, podem aparecer de maneiras diferentes dependendo de cada indivíduo².

Outro ponto importante, já discutido neste mesmo item, aborda a questão da subjetividade de cada um, como ela influencia no modo como os sintomas aparecem. Isso porque, por mais que a psiquiatria descreva objetivamente os sintomas passíveis de aparição na depressão, ainda assim se embasa na idéia de personalidade, que não é um conceito concreto, já que envolve questões subjetivas acerca do mesmo. Assim, pode-se dizer que, por mais que a psiquiatria tente ver o indivíduo de maneira mais concreta, ainda assim não consegue escapar de sua subjetividade, em algum ponto de suas teorizações. Nesse ponto, Freud e Fedida aparecem para tentar descrever os sintomas da depressão com características mais subjetivas, como tendências que podem aparecer e se manifestar de diferentes formas em cada sujeito.

² É importante diferenciar aqui o uso dos termos *indivíduo* e *sujeito*. Isso porque indivíduo trataria de um homem indiviso, único; já na psicanálise a divisão é inerente ao homem, aliás, este se constitui na divisão. Por isso, quando for descrita uma abordagem psicanalítica, será usado o termo *sujeito*. Nas outras abordagens será utilizado o termo *indivíduo*.

1.4 A etiologia da depressão (origens, causas)

Como dito no item anterior, os sintomas da depressão variam de acordo com a literatura e os autores estudados. Em conexão com o anteriormente exposto é relevante abordar quais são as origens e causas da depressão nas diferentes concepções estudadas, para depois aprofundar a concepção psicanalítica da etiologia da depressão.

Ebert, Loosen e Nurcombe (2002) enfatizam que, apesar das tentativas já existentes de teorizar e estabelecer um padrão sobre a depressão (usando bases biológicas, patológicas, etc.), a causa precisa desta ainda é desconhecida. Porém a maioria dos autores concorda que vários fatores multidisciplinares colaboram para o acontecimento da depressão, interagindo entre si.

Apesar da existência de teorias que contam com fatores multidisciplinares, neste trabalho serão focadas as abordagens que apontam as causas e origens na relação do sujeito consigo mesmo e com o seu mundo externo.

Capitão & Mesquita (2005) demonstram que os teóricos da psicanálise enfatizam que a depressão ocorre porque o sujeito passa a depender excessivamente da aprovação do outro, e quando isso deixa de acontecer, é como se surgisse um vazio difícil de lidar.

Freud (1912), em seu trabalho *Luto e Melancolia*, defende que a causa da melancolia é interna, e por isso, na maioria das vezes não se pode ver a causa do sofrimento. Ele chega a enfatizar neste mesmo estudo que o importante no entendimento da melancolia, está não no estado atual em que o sujeito se encontra, mas sim na busca das causas, do porquê o sujeito chegou a tal ponto de perda de amor-próprio. Para explicar tal

busca, Freud (1912) acredita que na melancolia existe a transição da sensação de perda de um objeto por parte do sujeito. Ele transformaria a perda objetal em uma perda do próprio ego. O sujeito passa a culpar a si mesmo pela perda do objeto e com isso se sente desprezível, não digno de bons sentimentos. Assim, passa a se auto-recriminar, como se ele, o próprio enlutado, fosse responsável pela perda em si. Desta forma o sujeito não consegue retirar sua libido do objeto, mesmo que este não exista mais, e essa libido retorna a ele de forma sádica, de forma a fazê-lo sofrer. Essa auto-tortura seria o único jeito de satisfazer essa libido que retorna ao próprio ego, e continua nas formas de autopunição.

É necessário fazer aqui uma diferenciação entre o texto de Freud de 1912 e seus textos de 1930. Isso porque, na primeira fase do estudo da depressão, Freud ateve-se a tratá-la de uma forma metapsicológica, não aprofundando, neste momento, a questão da importância do social nas interações do sujeito com o mundo e no surgimento de seus sintomas. Porém, já nos textos de 1930, Freud volta a falar da depressão em sua relação com o mundo externo, e qual importância do mesmo no surgimento da depressão.

Assim, Freud apud Masson (1986) estabelece algumas hipóteses acerca das origens da depressão. Uma delas afirma que a depressão é uma forma de neurose de angústia que se manifesta em fobias e ataques de angústia. Outra tese assegura que a neurose de angústia é consequência da inibição da função sexual.

Aprofundando os estudos acima, Freud apud Masson (1986) acredita que a depressão é uma terceira forma de neurose de angústia e tem uma

ligação com um trauma psíquico. Porém este trauma seria apenas a causa provocadora, ou seja, os traumas psíquicos apenas provocam a eclosão da depressão, mas não é sua fonte geratriz.

O que se pode concluir na análise dos autores estudados neste item, é que existem duas grandes linhas de estudo sobre a depressão: a área médica e a área psicológica. A área médica, mais especificamente da área psiquiátrica, defende causas e sintomas orgânicos para a depressão, e a área psicológica acredita que a depressão acontece por causas internas, que até mesmo pode ter causas multidisciplinares, mas nunca de forma isolada. É necessário destacar neste ponto que, na abordagem médica, o social, ou o externo, não influencia o início ou o desenvolvimento da depressão, porém, do ponto de vista freudiano, o meio social está sempre presente, pois para a concepção freudiana de sujeito não existe sujeito sem o social, já que o sujeito se constitui a partir do contato social (no início da vida com a mãe, que representa o social).

Uma vez que a sociedade é ponto importante para o estudo dos sintomas psíquicos nos sujeitos, no segundo capítulo deste trabalho será descrita a sociedade atual, suas particularidades, para depois abordar o que muda na depressão e no sujeito de acordo com a modernidade.

1.5 A depressão como forma de mal estar na civilização: tensão sujeito – sociedade e sua expressão na vida moderna

Um século após as reflexões freudianas, o mundo continua na busca incessante de uma poção mágica que liberte a humanidade desse

verdadeiro mal-estar da civilização. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2004), existem 340 milhões de depressivos no planeta.

Mas aí vem a pergunta que muitos estudiosos, desde Freud, tentam descobrir: por que os homens sofrem. Para Freud (1930), o sofrimento poderia brotar de três fontes: do corpo, do mundo externo e das relações com os outros. Segundo Marin (1998), na sociedade contemporânea, o sofrimento incomoda. *Foi a própria psicanálise que propôs o fim do mal-estar (p.08)*, lembra a psicanalista Marin (1998). Segundo ela, entretanto, o sofrimento não acabou, mas adquiriu novas faces. Relembrando que a psicanálise acredita que a existência de um conflito é inerente a subjetividade humana, pode-se contestar a afirmação feita por esta autora de que seria possível acabar de forma absoluta com o sofrimento humano.

Fucks (2000) acredita que as novas formas de sofrimento enfrentadas pela sociedade contemporânea são criadas em torno de modificações sociais e políticas às quais fomos submetidos. Ele afirma que:

Globalização, neoliberalismo, processos de ajuste econômico, tudo contribuiu para o surgimento dos novos deprimidos e angustiados no mundo pós-moderno (p.08).

Na visão de Fuks (2000), a sociedade de consumo controla o indivíduo. *Os shoppings são templos da nova religião que se impôs no mundo moderno e, nesse lugar, não há espaço para o sofrimento (p. 08).*

Assim como mudaram as formas de sofrimento no mundo moderno, também surgiram novos casos de depressão e melancolia. Para Uihôa (1994), os deprimidos e melancólicos dos estudos de Freud, deixavam-se

morrer. Hoje, os deprimidos, tomados por uma sensação de vazio, buscam ativamente a destruição. Para ela, *os melancólicos e deprimidos são os que possuem menor tolerância a estados de falta de satisfação.*

Outra autora, Roudinesco (2000), complementa que o conflito neurótico contemporâneo, hoje tratado como uma depressão:

Parece já não decorrer de nenhuma causalidade psíquica oriunda do inconsciente. No entanto o inconsciente ressurge através do corpo, opondo uma forte resistência às disciplinas e práticas que visam repeli-lo. (p.18)

Desta forma, segundo a autora, os deprimidos sofrem por todos os lados.

É importante destacar que, até o presente momento, a depressão foi descrita e estudada calcada no fenômeno em si. É verdade que Freud sempre defendeu que o meio social interferia, porém grande parte dos seus estudos se detém em tratar mais profundamente do fenômeno. Por isso pode-se dizer que a tensão que ocorre entre sujeito e sociedade não é novidade. É possível afirmar que as transformações histórico-sociais refletem diretamente na subjetividade do sujeito, por isso se torna importante, neste trabalho, entender qual a nova expressão desta tensão nesta relação sujeito e modernidade. Para tal estudo, se faz necessário apontar o que se entende aqui como *modernidade*, para, na seqüência, tratar da relação deste modelo social com o sujeito.

Segunda Parte: Modernidade

Esta segunda parte do trabalho tem como objetivo expor os pressupostos teóricos que embasam a noção de modernidade que será usada para este estudo. Portanto, no primeiro item serão discorridos os conceitos de modernidade para, na seqüência, tratar das conexões entre a atual sociedade e as relações sociais aí presentes e os processos de subjetivação.

Antes de iniciar o estudo sobre a atual sociedade, que aqui chamaremos de modernidade, é importante dizer que existe, atualmente, grandes discussões acerca da nomenclatura que se dá para esse conjunto de características da atual sociedade. Alguns autores acreditam que estamos na era moderna; outros já defendem a existência de uma pós-modernidade. Não cabe a este trabalho resolver tal questão, portanto esse ponto não será aprofundado. Apenas serão descritas e abordadas as características que compõem esse momento que chamaremos de modernidade, para prosseguir o estudo.

2.1 O que é modernidade?

Santos, J. (1986) chama de modernidade um período que se refere às mudanças ocorridas nos últimos dois ou três séculos, representando liberdade e autonomia. O indivíduo passa a ter consciência de si, tornando-se cidadão e sujeito histórico. Rompem-se todas as barreiras econômicas, políticas, sociais e culturais. O fácil acesso à informação aproxima os homens e as civilizações. Assim, para esse autor, o homem moderno está

em contato com todos os homens do presente e do passado, do contemporâneo ao ancestral.

Santos, J. (1986) complementa que o pós-moderno nasce com a computação, e oferece à sociedade muitas facilidades trazidas pelas tecnologias, porém tem um lado negativo: limita as sociedades de forma abrupta. Isso porque na modernidade se buscava a essência do ser, e agora no pós-moderno as pessoas recebem tudo pronto com o advento da tecnologia, e esquecem de pensar. O autor defende que o pós-moderno chegou com a tecnologia de forma a deixar as pessoas mais presas em suas individualidades. No plano econômico, o modelo é chamado capitalismo flexível (que será tratado ainda neste item), no qual o homem se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo. Santos, J. (1986) ainda coloca que o ambiente pós-moderno é basicamente isso: entre os indivíduos e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, que não informam sobre o mundo e sim o refazem à sua maneira.

Raulet (1986) associa o marxismo à modernidade. Para este autor, Marx via na modernidade não só a contradição inerente à sociedade, mas também à expressão da irracionalidade da realidade. Na modernidade, portanto, existiria uma relação complexa entre racionalidade e irracionalidade surgida pela realização da razão e da irracionalidade ao mesmo tempo.

Ainda falando de Marx, Santos, M. (2003) relembra que os marxistas contemporâneos não aceitam a existência de uma pós-modernidade. Isso porque, segundo eles, para que esse tempo existisse, a modernidade teria que estar morta, e para eles isso ainda não aconteceu. O autor retoma Marx em seus estudos, que defendia que uma organização social nunca

desaparece antes de desenvolver todas as forças produtivas que ela é capaz de conter, e, sendo assim, seria necessário primeiro esgotar a modernidade, para aí sim falar na possível existência de uma pós-modernidade.

Silva (2004) acredita que a modernidade impôs a racionalização, a impessoalidade das relações, a dominação das elites que buscaram moldar o mundo ao seu pensamento. Ele complementa que a modernidade apresentou-se como uma utopia positiva, que parecia dar novo alento à humanidade. Junto com a idéia de ordem e progresso, deu aos homens a ilusão de que tudo caminhava em direção à felicidade e à liberdade (por isso até o uso do termo iluminismo, como se a razão iluminasse o futuro).

Siqueira (2002) escreveu que a pós-modernidade é um contexto histórico que se caracteriza por profundas transformações no campo tecnológico, na economia, na cultura e nas formas de sociabilidade, assim como na vida cotidiana. Ele complementa dizendo que a pós-modernidade é um fenômeno que expressa uma cultura globalizada e de ideologia neoliberal.

Santos, J. (1986) acredita que as relações entre modernidade e pós-modernidade são ambíguas. Ele defende que o individualismo atual nasceu com o modernismo, mas o seu exagero narcisista é um acréscimo pós-moderno. O homem moderno mobilizava massas para amplas lutas políticas; o homem pós-moderno atua apenas no microcosmos do cotidiano. Santos, J. (1986) complementa que o pós-modernismo é caracterizado pela tecnologia eletrônica de massa e individual visando a saturação de informações. Assim, na era da informática lida-se mais com o signo do que com as coisas. Portanto, no pós-modernismo, segundo este autor, a

sociedade é ávida pelo consumo personalizado, que tenta a sedução do indivíduo isolado para que usem seus bens de serviço. Por isso, o pós-modernismo encarna estilos de vida nos quais imperam o nada, o vazio, a ausência de valores e de sentido para a vida, e por isso se entrega ao presente, ao prazer, ao consumo e ao individualismo.

Segundo Taschner (1999), a pós-modernidade por vezes aparece como um momento que sucede a modernidade, e em outros momentos aparece como uma era que se contrapõe a ela. Para ele, muitos são os teóricos que apontam a inexistência de um momento pós-moderno, pois entendem que esse momento estaria ainda incluído na modernidade.

Para outro autor, Santos, J. (1986), o pós-modernismo surge em termos de consumo e informação. Porém, este autor admite a existência de debates em relação ao termo correto para nomear a atualidade, e por isso acredita que ainda não é possível dar uma definição correta e certa se o momento em que vivemos é modernidade ou pós-modernidade.

Essa discussão é ampliada por Taschner (1999), que relembra que essa temática pós-moderna vem sendo amplamente discutida pelas mais diversas áreas do saber. Esses estudiosos partem do pressuposto que a crise da modernidade consiste na situação de que a ciência moderna não mais proporciona as bases teóricas que possam apreender a possível condição pós-moderna, ou seja, a realidade contemporânea.

Harvey (1993), um dos estudiosos desse assunto, defende que as mudanças que ocorrem na atualidade são, na verdade, não uma pós-modernidade, e sim um novo ciclo de compreensão do tempo-espaço na organização do capitalismo. Ele complementa, portanto, que a chamada pós-modernidade nada mais são do que transformações que acontecem no

cotidiano e que se pauta na sociedade capitalista, numa nova fase que se mostra extremamente flexível.

Moreira (1997) defende que as transformações ocorridas pautam-se na estrutura capitalista. Por isso ele acredita que as relações modernas mudam principalmente em relação ao espaço/tempo.

Também falando do capitalismo, Lemos (1999) o relaciona à modernidade, colocando o capitalismo como a própria modernidade. Já sobre a pós-modernidade, ela acredita que seria uma nova cultura, no qual a ciência passa a ser mais acessível aos leigos.

Tratando mais especificamente do capitalismo, Sennet (1999) fala do chamado capitalismo flexível, que é um sistema no qual se enfatiza a flexibilidade e ataca-se a rotina. Está sempre exigindo dos indivíduos agilidade, e que este esteja sempre aberto a mudanças em curto prazo; o indivíduo precisa aprender a correr riscos e depender cada vez menos de leis e procedimentos formais. Este autor relembra que antes o tempo era linear, as conquistas eram cumulativas, o tempo era previsível e a sociedade reconhecia o indivíduo por suas conquistas individuais. Porém, com o advento do capitalismo flexível, o curto prazo instaura uma perda de controle, que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo. A flexibilidade exigida corrói os laços em longo prazo, pois ser dependente neste momento não é desejado.

Outro autor, Berman (1984) aborda a modernidade enquanto campo de divergências e construções, e ao mesmo tempo de caos, fragmentação produtiva, social e psíquica, alienação e exploração física e mental. Para ele, a sociedade moderna vive sob um sistema de renovação, cuja destruição é a única possibilidade de existência. Por isso a dialética da modernidade

encontra-se na existência de opostos. A modernidade seria somente um nome dado a um novo estado de coisas, uma nova configuração das relações, a existência de uma nova tecnologia, e com essas mudanças o homem passou a ser substituível.

O quadro quatro apresenta uma síntese das definições dadas para modernidade e pós-modernidade pelos autores estudados até o momento.

Quadro 4 – Definições de modernidade ou pós-modernidade

Autores	Definições e concepções sobre modernidade (ou pós)
Santos, J. (1986)	Período que representa liberdade e autonomia. Momento de fácil acesso à informação. Era da tecnologia que proporciona aumento da individualidade e do consumo, e no qual se lida com o signo e não com coisas. Tem como base o capitalismo flexível. Impera o nada, o vazio, a ausência de valores e de sentido de vida.
Raulet (1986)	Tem como base as idéias de Marx: período de expressão da irracionalidade da realidade.
Silva (2004)	Era da racionalização, impessoalidade das relações, criação de uma utopia positiva.
Siqueira (2002)	É um contexto histórico de transformações tecnológicas, econômicas, culturais e sociais. A cultura é globalizada.
Santos, M. (1980)	Era do consumo e da informação.
Harvey (1993)	Um novo ciclo de compreensão do tempo/espaço a partir da organização do capitalismo.
Moreira (1997)	Momento de transformações ocorridas na estrutura capitalista, mudando organização de tempo/espaço.
Lemos (1999)	Modernidade é igual a capitalismo.
Sennet (1999)	Modernidade baseia-se na idéia de capitalismo flexível, instaurando a flexibilidade a curto prazo.

Berman (1984)	Tempo de caos que, para renovar, destrói.
---------------	---

Fonte: autoras com base nos pressupostos teóricos estudados

Comentando os autores estudados neste item, podemos encontrar muitas semelhanças entre eles. Para Santos, J. (1986), Harvey (1993), Moreira (1997), Lemos (1999) e Sennet (1999) a modernidade tem relação direta com o sistema capitalista vigente; no caso de Lemos (1999) especificamente esse acredita que modernidade e capitalismo são uma coisa só.

Em relação ao tempo/ espaço na modernidade, Harvey (1993), Moreira (1997) e Sennet (1999) acreditam que neste momento impera o curto prazo e uma aceleração do tempo.

São iguais, também, as visões de Santos, J. (1986), Santos, M. (2003) em relação à individualidade e ao consumo. Para eles, na modernidade existe uma exacerbação do consumismo, que pode ser conseqüência de uma individualidade que é pregada como solução para o problema das relações.

Santos, J. (1986) e Siqueira (2002) acreditam que a modernidade é caracterizada principalmente pelo advento da tecnologia, e assim forneceria aos indivíduos um fácil acesso à informação.

É importante destacar aqui que todas as teorias estudadas são muito pertinentes, porém iremos destacar aqui o que se aproxima do modelo de modernidade que será trabalhado neste estudo.

Aqui neste trabalho a modernidade será tratada como um tempo histórico, considerada principalmente em relação ao capitalismo flexível, ao advento da tecnologia, a uma exacerbação da individualidade e do consumo, à ausência de valores, à impessoalidade das relações e um tempo

de caos, que renova destruindo. Assim, no próximo item será feita uma integração desses dados de modernidade e suas conexões com os sujeitos e sua subjetividade.

2.2 A modernidade e suas conexões com os processos de subjetivação (relações sociais e construção da subjetividade no capitalismo)

Segundo Sennet (1999), a atual sociedade vive um momento peculiar no modo de produção capitalista. Conforme já tratado no item anterior, esse modelo de sociedade tem suas particularidades e impõe novas condições de sobrevivência social. Sennet (1999) descreve esse modelo fazendo uma comparação com as antigas sociedades, e com isso chega à conclusão de que esse modelo traz, acima de tudo, a instabilidade e a incerteza. Esses sentimentos sempre estiveram presentes na história humana, mas a grande diferença é que nos dias atuais aparecem sem a percepção de nenhum desastre iminente. É como se a tensão estivesse lado a lado com o sujeito diariamente, tornando-se o que o autor chama de ansiedade trivial. Este cenário também desperta nos indivíduos o que Sennet (1999) chamou de um sentimento de deriva, que seria a falta de propósito em relação ao presente e de perspectivas futuras. Ou seja, a nova realidade econômico-social, que traz termos excitantes como agilidade, flexibilidade e mudança, não propicia a realização ambicionada por estes indivíduos, ao mesmo tempo em que corrói no indivíduo as qualidades que criam os laços entre os seres humanos e lhes conferem uma identidade sustentável.

Segundo Ferreira (2005), o capitalismo se sustenta com o consumo, e este é estimulado a partir da mídia e da criação de modas. O conceito de moda é o que melhor representa a modernidade, que sustenta tudo o que é descartável, o aqui-agora, o prazer self-service e o imediatismo. Assim, só há uma regra fixa: tudo deve mudar, e mudar o mais rápido possível, pois só assim se pode manter a roda da economia. Mas, enfatiza Ferreira (2005), também a subjetividade passa a mudar, ela também está nesta moda.

Ferreira (2005) complementa que uma das dimensões da angústia existencial sempre foi a aceitação social. É relativamente fácil que esta aceitação ocorra num sistema estável, mas torna-se um grande problema quando há ilhas de identidade cultural, visto que passa a exigir do sujeito uma opção, mesmo reconhecendo que há outras inúmeras que podem jamais serem escolhidas.

Sennet (1999) acredita que nos dias de hoje defende-se também a idéia de que o ser humano deve ser adaptável e aberto à mudança e que assim será livre. Porém, segundo Sennet (1999), a nova economia trai esse desejo de liberdade: a busca de flexibilidade e a rejeição à rotina, em vez de libertar, produziram novas formas de poder e controle. Para o autor, o sistema de poder que se encontra nas formas de flexibilidade dos dias de hoje são mais sutis, mas continuam presentes de formas diferentes. Sennet (1999) adverte ainda que uma grande diferença dos dias atuais é que o risco tornou-se algo a ser enfrentado diariamente pelas massas e assim, para se estar no circuito, é necessário gostar de viver na incerteza. Correr riscos, deixando de lado experiências passadas partilhadas e realizações e talentos pessoais, é viver no limite. Mas para Sennet (1999), um dos

perigos de se permanecer no contínuo estado de vulnerabilidade reside no fato de que a exposição ao risco pode corroer o caráter; à medida que as coisas mudam diariamente, estamos sempre começando do zero e instala-se uma situação de vale-tudo.

Falando ainda da nossa sociedade atual, outro autor, Bauman (2003), fala da sociedade abstrata, chamada por ele de sociedade líquida. Segundo Bauman (2003), o termo líquido traduz metaforicamente o modo como a sociedade propõe a realidade e o modo de sobrevivência nos dias atuais. Uma modernidade na qual não existe a sensação de relações consistentes, fixas. Cada vez mais a modernidade prega a ambivalência, a flexibilidade em excesso, o curto prazo, no intuito de desenvolver vínculos mais profundos.

Outra autora, Amaral (2003), desenvolve uma reflexão na qual questiona a sociedade em que o avanço tecnológico entra, muitas vezes, em descompasso com a própria possibilidade de sua absorção/metabolização por parte das forças sociais. Para a autora:

*O esgarçamento do tecido social e o empobrecimento decorrente da experiência coletiva estariam deixando de oferecer as bases para o processo de individuação.*³

Freud (1930) também fala da modernidade segundo a tecnologia, que caminha junto com a sociedade no sentido de frustrar e distanciar cada vez mais o indivíduo do prazer verdadeiro que ele busca, pois proporciona benefícios que satisfazem os indivíduos de forma *barata*, ou seja, dão uma sensação de falsa satisfação. E como a angústia é cada vez maior entre indivíduo e sociedade, a tecnologia funciona como uma forma de

³ AMARAL, M. *No entrelaçamento da crise da subjetividade contemporânea com a crise da psicanálise*. São Paulo: Jornal da Psicanálise nº. 58, 2003.

tamponamento do sofrimento, mas nunca o soluciona por definitivo. Existem ainda os fenômenos sociais como, por exemplo, a automação no processo de produção e o conseqüente aumento do desemprego e as novas estruturas familiares que ganham legitimidade hoje, estando em íntima conexão com os processos de subjetivação em curso na contemporaneidade, não sendo possível conhecer o homem, na especificidade da psicologia, sem investigar também aqueles fenômenos ao longo do processo de pesquisa.

Outro ponto importante é discutido por Sennet (1999): o modo como o tempo está sendo encarado neste novo modelo de sociedade, pois a grande diferença entre outras épocas e o momento presente, que é também a principal característica do novo capitalismo, é a maneira de organizar o tempo que, segundo ele, é o fator que mais afeta a vida emocional das pessoas dentro e fora do local de trabalho. O presente traz uma grande ansiedade em relação ao tempo, pelo que pode acontecer a qualquer momento, e as experiências passadas não servem de proteção para as novas situações. A experiência virou motivo de desabono, e esta convicção põe em risco o senso de valor pessoal, que parece esvaziar-se à medida que o tempo passa. Mas Sennet (1999) argumenta que a carreira constrói o caráter, uma vez que é uma história de desenvolvimento interior que propicia o estabelecimento de objetivos de longo prazo, fazendo com que o homem se responsabilize por eles. Porém devido ao abalo do sentimento de utilidade, enfraquece-se a ligação com o mundo e o senso de responsabilidade.

Geberovich (2005) também toma a questão da temporalidade como um eixo de reflexão na análise da sociedade contemporânea. Para ele, a

velocidade substitui o tempo. Ele prossegue dizendo que o agora do agir substitui o presente, faz estreitar a perspectiva do outrora e do dia seguinte (p. 30). Essa aceleração do mundo tornaria impossível aos pais fornecer referências aos filhos, transmitir-lhes limites. Como se o futuro desaparecesse no presente, num agora que inclui tudo. As pessoas se veriam reduzidas a *surfear sobre a vaga das tendências da época, oscilando entre a velocidade e a queda, na direção ou de uma iniciação sem dívida de filiação ou numa autodestruição patológica* (p. 31).

Harvey (1993) coloca a problemática na exacerbação da incerteza na modernidade, que deixa o sujeito num lugar incerto. Isso porque a modernidade oferece um espaço/tempo cuja velocidade aproxima as pessoas, tornando o mundo um lugar pequeno. Assim o tempo passaria a não ter maiores ciclos, seria o *tempo dos gigahertz, onde o futuro já virou passado, e estamos constantemente desatualizados* (p. 130).

Em relação às interações, para Bauman (2003), a individualização vivida na modernidade dificulta o indivíduo a lidar com os relacionamentos. Em todos os lugares existem fórmulas mágicas de como se relacionar sem se comprometer em longo prazo, pois esse laço pode fechar outras possibilidades românticas futuras. Relacionar-se hoje em dia, é saber manter distância, comprometer-se mas ao mesmo tempo estar atento ao que pode surgir de novo.

Bauman (2003) acredita que os relacionamentos sem vínculos cada vez mais tornam irrelevante o longo prazo; então a palavra compromisso basicamente some do vocabulário. Relacionar-se por si só já predispõe um prazo que não seja curto, mas pede também uma incerteza constante. O sujeito aposta no outro sem saber o futuro, sem ter controle sobre o que

vai acontecer, e se a decisão foi tomada corretamente. A insegurança é usada como desculpa para criar laços, mas ao mesmo tempo manter os vínculos afrouxados. Por isso, segundo Bauman (2003), viver juntos se tornou algo como uma aposta, na qual as pessoas fazem tentativas, mas sempre não acreditando muito no que possa surgir de positivo. Esse sentimento de desacreditar no futuro da relação alimenta o afastamento gradual e estimula a esquiva, o sentimento de que a união não vai chegar a lugar nenhum. Ou seja, as pessoas já iniciam um relacionamento apostando no seu fim. E já que isso acontece, tendem a não querer se relacionar em longo prazo; só buscam a satisfação de seus desejos.

Bauman (2003) complementa dizendo que na sociedade não é diferente: o mercado econômico hoje em dia só consegue enxergar um tipo de consumidor, que é este homem solitário, que busca como cura da solidão comprar tudo aquilo que pode satisfazê-lo e afastá-lo de suas angústias. As virtudes do homem de hoje são centradas no uno, e não no grupo. O homem que vive bem é aquele que consegue ser auto centrado, egoísta na medida certa, e que consegue usar a solidão como arma de trabalho e modo de conseguir dinheiro, em essência, um homem sem vínculos, principalmente vínculos sociais. E a consequência deste homem distante é que o vínculo parece um bem comprável. A solidariedade é passível de contribuição financeiramente, já que se tornou um bem comprável.

Como resultado de tudo isso, temos, de um lado, uma sociedade que propõe, tentadoramente, novas fórmulas e novos meios para sobrevivência, mas uma sociedade que, segundo Freud (1930), também se coloca por vezes proporcionando sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis aos

indivíduos. Então, se a sociedade mostra uma vida muito árdua, o homem, que tende a afastar de si o que causa desprazer, vive um conflito nessa relação, e para isso busca meios alternativos de evitar tamanho conflito. O que o homem busca na vida, na sociedade, é nada mais do que ser feliz e assim permanecer, ou seja: busca a ausência de sofrimento (desprazer) ao mesmo tempo em que experimenta sentimento de prazer.

E de outro lado, temos o homem moderno, resultado dessa interação com os outros homens. Um homem que tem valores construídos ao longo de sua vida, valores esses que foram aprendidos dentro da instituição familiar, mas que, diante da novidade social proposta, que, como já dito anteriormente, prega uma ausência de valores, se vê por muitas vezes castrado e em sofrimento. Castrado duplamente porque o homem em sua história já entra em contato com esse sentimento de castração, e passa por experiências conflitantes consigo mesmo, antes mesmo de entrar em contato com a sociedade mais ampla. Desta forma, já vivenciando o conflito no contexto das primeiras relações com o mundo, ainda entra em conflito com a sociedade e o mundo num sentido mais amplo.

Assim, qual o resultado dessa interação? Freud (1930) responde a essa pergunta quando diz que a civilização tende a pregar a renúncia à pulsão, propondo exatamente a sua não satisfação (e propõe isso de diversas formas, como a repressão). Assim o homem passa a se relacionar dentro de uma frustração social visto que não pode buscar no relacionamento presente o que o satisfaria a priori. Resultado disso, segundo Freud (1930), é o surgimento de um novo sujeito, o homem neurótico, que vive um conflito constitutivo da subjetividade humana, e as formações sociais constituídas como respostas ao sofrimento psíquico desse

conflito derivado, que acabam por gerar mais sofrimento e, assim, a eclosão de sintomas. Assim, Freud (1930) acredita que as imposições da civilização para os homens se tornaram tão pesadas que hoje os homens não vêem como serem felizes de acordo com o mundo em que vivem e passam a preferir a sensação de segurança à de felicidade.

Como conseqüência de tudo isso que já foi dito, Bauman (2003) acredita que a modernidade líquida produz seres humanos desgastados, frustrados, e eternamente ansiosos. São pessoas assustadas que buscam desesperadamente culpar alguém ou algo por todos esses sentimentos que as cercam. Quanto mais as pessoas buscam se isolar e não tem sucesso com essa busca (porque em todo lugar do mundo existe um desconhecido), mais existe a sensação de caos. As pessoas, para entender esse caos, cada vez mais culpam o outro/diferente pelos problemas generalizados.

Garcia (1999) acredita que o sujeito sofre mutações que atingem o super-eu na sociedade contemporânea do consumo e da permissividade. O paradoxo do super-eu contemporâneo se manifestaria por uma oposição inconciliável entre a falta (de lei) e o excesso (de gozo), categorias que ela aproxima, num primeiro momento, da feminilidade, sugerindo então que o super-eu contemporâneo passaria por uma feminilização, para depois falar em super-eu tirânico e desatinado. Para isso, Garcia (1999) apóia-se em estudo sobre a pós-modernidade que considera um problema crucial para a subjetividade atual a recepção, elaboração e atribuição de sentido ao excesso de estímulos a que estão submetidos os sujeitos, produzindo uma fragmentação das estruturas simbólicas que sustentam a organização subjetiva.

Assim, segundo Garcia (1999), o sujeito contemporâneo se veria submetido a um excesso de estimulação dificilmente metabolizável, o que se aproximaria da concepção do trauma em psicanálise, e que o mergulharia num estado de desamparo, fazendo emergir um super-eu primitivo, basicamente dependente da ameaça externa. Esse super-eu pouco reteria do caráter do pai, mas tendo sido constituído a partir de uma situação traumática de desamparo, apresentar-se-ia tirânico e desatinado. Preso assim num sentimento de culpa primitivo, esse super-eu se deixaria facilmente aprisionar e fascinar pelas imagens e engodos que lhe são oferecidos pelas novas tecnologias de comunicação, produtoras de uma realidade virtual onde predominam a homogeneização dos desejos e a mesmice especular, na ausência de reconhecimento da diferença e da alteridade.

Relembrando o homem neurótico, este, segundo Freud (1930), figura-se um sujeito em crise, em conflito consigo mesmo e com a sociedade. O sujeito moderno de Freud histeriza por reprimir seus desejos (pois reprime suas pulsões), e assim precisa jogar em alguma parte do seu ser o que lhe aflige, que é sua animalidade, sua instintualidade que pulsa e não se submete aos princípios sociais (Freud & Breuer, 1996 apud Barbosa 2003) e que denuncia pelas bordas, que denuncia pelo corpo, de forma psicossomática, paralisando e fazendo doer o que deveria ficar calado.

Desta forma pode-se concluir que, vivendo numa sociedade que coloca em evidência o isolamento e a repressão dos desejos, tem-se um indivíduo que vive na berlinda, como se estivesse sempre ameaçado de algo. Esse sofrimento psíquico suscitado termina por aparecer em forma de

sintomas diversos, entre eles a depressão já descrita na primeira parte deste trabalho.

Porém, procedendo desta maneira, privilegiando o objetivo no lugar do subjetivo, submetendo-se ao *time is money*, tentando defender-se das emoções e da responsabilidade do universo das palavras, o sujeito acaba fazendo de toda essa realidade um sintoma, sendo que um deles, estudado nesse trabalho, é a depressão. Porém, a depressão nesse novo contexto da modernidade adquire uma significação toda própria e peculiar, e é esse ponto que será focado na próxima parte deste trabalho.

Terceira Parte: novos significados para a relação

Esta parte do trabalho tem como objetivo expor as literaturas recentes que abordam a questão da depressão em relação com a modernidade, para ampliar a discussão que já foi feita nos capítulos anteriores.

3.1 novas investigações psicanalíticas acerca da depressão

Kehl (2003), discorrendo sobre o sofrimento psíquico na modernidade, fala da depressão, que para ela:

*É uma forma muito particular e avassaladora do que se chama de dor de viver. A dor do tempo que corre arrastando consigo tudo o que o homem constrói, ao desamparo diante da voragem da vida que conduz à morte – que, para o homem moderno representa o fim de tudo -, a depressão contrapõe um outro tempo, já morto: um tempo que não passa. (...) A depressão é o rompimento da rede de sentido e amparo: momento em que o psiquismo falha em sua atividade ilusionista e deixa entrever o vazio que nos cerca ou o vazio que o trabalho psíquico tenta cercar. É o momento do enfrentamento insuportável com a verdade.*⁴

Mendlowicz (2001), para falar da depressão moderna, primeiro aborda a dor da solidão na sociedade contemporânea. A autora lembra o paradoxo que indica ao mesmo tempo a submissão do homem à ditadura do

⁴ KEHL, M. *Uma existência sem sujeito*. São Paulo: Caderno Mais Folha de São Paulo, nº. 571, 2003.

sucesso financeiro, dentro desse sistema político globalizante, mas que permite, ao mesmo tempo, várias maneiras de viver a subjetividade. Essa ampliação das possibilidades expõe o sujeito a um maior desamparo, a uma solidão mais difícil de suportar. A mudança radical dos códigos em que o sujeito estava imerso, a reviravolta dos valores em que o sujeito foi moldado, provoca colapsos psíquicos, e a autora descreve uma forma de patologia que ela chama de depressão-solidão.

Mendlowicz (2001) acredita que o sujeito freudiano é constituído socialmente por identificações diversas, e em seus desejos, afetos e fantasias, não há como escapar da relação com seus semelhantes e tais interações são condicionadas historicamente, e relativas a uma determinada época, uma cultura diferenciada. Não há como o homem escapar do seu contexto sócio-cultural, e é neste contexto que construirá sua subjetividade. O sujeito da psicanálise é vítima do desamparo, da ação pulsional, e a cultura fornece os meios e maneiras possíveis de lidar com o pulsional, com as angústias primordiais. No decorrer da história, a cultura vem apresentando múltiplas formas de respostas possíveis à busca que o homem faz de certa felicidade e tais respostas dependem, como já observamos, de momentos históricos diferenciados que proporcionam novas formas de ser e de viver.

Desta forma, Mendlowicz (2001) acredita que as modificações do mundo contemporâneo trazem novos problemas que precisam ser pensados. Isso porque a modernidade ampliou as possibilidades de formas de viver mais diversificadas, mas paralelamente essa maior liberdade também nos expõe a um desamparo maior, a uma solidão mais difícil de suportar. Temos à nossa disposição novas maneiras de nos situarmos

enquanto seres desejantes, mas ao mesmo tempo, fomos moldados, criados numa estrutura familiar, em geral tradicional⁵ o que implica uma proteção incompatível, muitas vezes, com a individualidade e a autonomia como valores modernos. Essa mudança trouxe uma reviravolta nos valores e provocou colapsos psíquicos, ou seja, muito sofrimento. Isso porque o corpo e o psiquismo são marcados pelos problemas, práticas e modalidades da interação com o social.

Mendlowicz (2001), citando Freud, complementa que o cerne do próprio conflito, centro de toda neurose, remete à articulação e à certa oposição entre pulsão e cultura, e estas duas referências atravessam toda a obra de Freud como necessariamente constitutivas da subjetividade.

Outra autora, Barbosa (2003), faz uma reflexão sobre a relação existente entre subjetividade, cotidiano e modernidade. Ela conta sobre seu estudo, de como na atualidade os sujeitos têm se expressado através da doença e da incapacidade de evidenciar suas necessidades e sofrimentos, enfim a ausência de expressão verbal das questões fundamentais do existir social e sua manifestação através de sintomas e signos corpóreos. A autora conta que, inicialmente, seu enfoque foi dado para os sintomas como insônia, tristeza, medo, dentre outros. Assim percebeu que os sujeitos apresentavam uma dor que ela chama de *dor do existir social*, que seria na verdade uma dor da falta de expressão verbal, uma dor da ausência de um projeto de vida social. Em sua pesquisa, a autora afirma que os sujeitos que

⁵ Quando usado, o termo *tradicional* fala de uma situação de um passado no qual o sujeito vivia numa realidade familiar em que a família era nuclear. As figuras eram fixas, na figura do pai, mãe e filhos, sendo que esse pai era a figura da autoridade familiar. Hoje já se nota que esse modelo tomou diversos novos formatos. Por isso, ao tratar do *tradicional*, está se fazendo referência a esse modelo familiar anterior agora descrito.

conseguiram se curar foram os capazes de significar suas próprias existências e encontrar sua identidade social perdida.

Em pesquisas mais recentes, a autora observa que na atualidade a linguagem se tornou psicossomática; consequência disso é a aparição de muitos sujeitos com diagnósticos de depressão ou portadores da síndrome do pânico. Para Barbosa (2003), esses diagnósticos são frutos de uma mesma problemática: a incapacidade de poder lidar com as transformações sociais e ambientais do mundo contemporâneo. Assim, o sujeito cria mecanismos para lidar e expressar sua angústia existencial e sua dor, por meio de uma psicossomática, que pode ser desde uma dor na coluna, até uma tristeza profunda que deprime e incapacita o sujeito de continuar suas atividades da vida cotidiana.

Barbosa (2003) cita Solomon (2001) para complementar que hoje, na sociedade contemporânea, cada vez é maior a presença de sujeitos em estados depressivos, e também a existência de um grande medo de vir a ser um destes. Para isso cita uma pesquisa recente sobre a depressão, onde 3% dos americanos (algo em torno de 19 milhões de pessoas) sofrem de depressão crônica, sendo que dois milhões deles são crianças, e a doença maníaco-depressiva (também conhecida como doença bipolar), acomete 2,3 milhões de pessoas, sendo considerada a segunda causa que mais vitimiza mulheres jovens e a terceira que mais vitimiza homens jovens. Nos países em desenvolvimento, a depressão responde pela maior parte do volume de doenças, calculada pelas mortes prematuras e de anos-vida saudáveis perdidos pela incapacidade, do que qualquer outra, exceto doenças cardíacas.

Para Barbosa (2003), a modernidade altera de forma radical a vida cotidiana, afetando os aspectos mais pessoais do sujeito e de sua existência. Por isso, a autora acredita que as transformações introduzidas pela modernidade se entrelaçam diretamente com a vida individual e com o Eu. Assim, o sofrimento psíquico, e especificamente a depressão, passam a ser reconhecidos como epidemia psíquica das sociedades contemporâneas, pois, segundo Roudinesco (2000), ao não valorizar o inconsciente faz com que ele ressurja através do corpo, opondo uma forte resistência às disciplinas e às práticas que visam repeli-lo.

Roudinesco (2000) ainda defende que as causas dessas transformações e suas conseqüências para o indivíduo ultrapassam a vivência interna, o inconsciente, e abrangem também o externo, ou seja, todo o meio social onde o sujeito está inserido.

Roudinesco (2000) afirma que a depressão não é uma neurose nem uma psicose nem uma melancolia, mas uma entidade nova, que remete a um estado pensado em termos de fadiga, déficit ou enfraquecimento da personalidade. Forma atenuada da antiga melancolia, a depressão domina a subjetividade contemporânea. Tornou-se uma epidemia psíquica das sociedades democráticas, segundo ela.

Citando Freud em seu texto *Inibição, Sintoma e Angústia*, Mendlowicz (2001) discorre, neste artigo, sobre este quadro que chama de depressão-solidão. Para ela, esse estado se dá pela dificuldade em se aplacar uma angústia e tristeza que não surgem como resultado da identificação ao objeto desaparecido, mas sim devido à impossibilidade de se constituir um objeto corpóreo, consistente, substituto do Outro primordial. Tal impossibilidade não se deve ao fato de se estar colado ao objeto que se

perdeu, como já observamos anteriormente, mas à dificuldade de manter vínculos afetivos profundos, dificuldade que os ideais individualistas da contemporaneidade vêm promovendo cada vez mais. Essa citação da obra freudiana tem ligação direta com o que já foi falado anteriormente pelos autores Sennet (1999) e Bauman (2000), que também defendem que a dificuldade de se manter vínculos ou de se criar laços afetivos está diretamente ligada com a individualidade que a modernidade prega e exacerba nos indivíduos.

Continuando, Mendlowicz (2001) acredita também que hoje os sujeitos lidam com um fenômeno perfeitamente observável na clínica e na cultura. Não se ama qualquer um, a qualquer hora e de qualquer maneira, e o objeto amoroso não é adquirível, não está à nossa disposição. Isso porque, de acordo com a perspectiva freudiana, o homem é nostálgico, o objeto é perdido, mas a procura por objetos não pára nunca, e não é qualquer objeto que pode ocupar e substituir o lugar do Outro primordial. O objeto amoroso, apesar de sempre aquém dos nossos sonhos, tem como função, senão resolver, pois isso é impossível, ao menos aplacar, iludir a rudeza do desamparo. Citando Freud, a autora afirma que o fato do ser humano ser prematuro em relação às outras espécies faz com que seu período de desamparo e dependência seja muito longo e, como consequência, o objeto de quem ele depende adquire uma importância extraordinária e permanece ao longo da vida do sujeito.

Para Mendlowicz (2001), o estágio do espelho, formulado por Lacan (apud Mendlowicz, 2001), também serve de suporte para ampliar o esclarecimento da fragilidade do homem diante da solidão. Isso porque a criança não se vê com seus olhos, depende do olhar de quem a ama para se

reconhecer. Assim, essa relação suscita a necessidade eterna do homem de ser amado, ou seja, de se ver nos olhos de quem ama.

Fazendo uma ligação entre Lacan (apud Mendlowicz, 2001) e a solidão, Mendlowicz (2001) acredita que a ausência do olhar de amor fragiliza o narcisismo necessário a certo bem estar, tornando o homem mais vulnerável à angústia e à depressão, já que não consegue se separar completamente do desejo do Outro; algum ou alguém substituto deste Outro é convocado a ocupar este lugar em nome do desamparo, da angústia e da tristeza. A autora complementa afirmando que:

O imperativo do gozo que assola a sociedade contemporânea desconsidera, desqualifica esta condição essencial do homem e o joga num abandono difícil de suportar.⁶

Para Barbosa (2003), o sujeito deprimido da modernidade acaba por se perceber ao contrário de um sujeito. Isso porque o sujeito é uma unidade particular de vida e pensamento, experiência e consciência. A construção do sujeito se dá pelo reconhecimento de si mesmo junto com um projeto de vida social. O sujeito cria uma teia de relações sociais, ao longo da vida, e ao mesmo tempo aceita como libido a vida por si só. Assim, constata-se que, na atualidade, o sujeito tem experimentado uma grande sensação de perigo, pois as condições sócio-ambientais no qual está inserido cada vez mais se tornam instáveis. Portanto, a vida cotidiana é estabelecida com uma complexidade de problemas que independem do sujeito para serem solucionados, o que lhe causa mais angústia. Essa descrença que acontece devido a muitos problemas e nenhuma solução

⁶ MENDLOWICZ, E. *Psicanálise e contemporaneidade: A dor da solidão*. São Paulo Estados Gerais da Psicanálise, 2001.

torna cada vez mais o indivíduo medroso frente à vida e sua realidade e provoca uma grande sensação de descontrole generalizado. O impacto de tudo isso se dá sobre a subjetividade, porque ser sujeito pressupõe que se permita a ultrapassagem do Id ao Eu, bem como o controle exercido sobre o vivido para que tenha um sentido pessoal, e para que o indivíduo se transforme em ator que se insere nas relações sociais transformando-as, mas sem jamais se identificar completamente com nenhum grupo, com nenhuma coletividade.

Assim, Barbosa (2003) conclui que:

*A depressão e/ou as metáforas corpóreas enquanto expressões individuais não são novas, na medida em que apresenta sintomas já elencados pela literatura pesquisada, mas é nova na forma coletiva como se tem expressado na modernidade, ao mesmo tempo em que o novo é a sua forma coletiva de manifestação na sociedade, ou seja, se expressa no corpo (através de sintomas, dores, apatia, abulia, violência, síndrome do pânico, etc.), uma fala que poderia ser organizada politicamente em termos coletivos. Na realidade não se pode reduzir essa abordagem a um viés psicanalítico como possa dar a impressão, mas deve-se procurar entendê-lo através de sua complexidade, já que serão consideradas como decorrência de problemas sociais, culturais, ambientais e também psicológicos.*⁷

Nessa nova abordagem da depressão, a primeira grande diferença é que as causas consideradas para seu início não são somente causas

⁷ BARBOSA, S.R.C.S. *Qualidade de vida e subjetividade em sociedades complexas*. João Pessoa: GREM, 2003.

internas, como nos estudos descritos no início deste trabalho. Agora, levando em conta fatores externos, ou seja, o meio social onde o sujeito vive, é perceptível que a depressão tem causas internas, mas também externas a ele.

É importante destacar que o estudo da depressão moderna leva em conta todo o contexto social onde está inserida, e na grande maioria das vezes é provocada por este mesmo meio social. Assim pode-se dizer que hoje a grande causa da depressão é essa sociedade moderna já descrita, que suscita no sujeito dúvidas, incertezas, medos, angústias que provocam a depressão. É como se a modernidade estivesse todo dia a provocar no sujeito as sensações mais íntimas, despertando traumas, medos, inseguranças, ao invés de dar suporte para suas angústias internas. A sociedade de hoje só o faz sentir como se estivesse a todo o momento em uma corda bamba, prestes a desabar.

Conclusões

De modo geral o trabalho contribuiu para um grande aprendizado para a dupla. Muitos pontos foram levantados acerca do material estudado e aqui discutido, e por isso o trabalho se pode contribuir para ampliar a discussão sobre essa nova relação que se estabelece entre sujeito e sociedade, na atualidade.

Estudando depressão na primeira parte deste trabalho, é importante observar que nas definições psiquiátricas há uma enorme tentativa em descrever os fenômenos da forma mais objetiva possível. Porém, conforme já mostrado, por mais que exista um esforço para que isso aconteça, ainda assim a psiquiatria não consegue escapar de um conceito de subjetividade para firmar e dar base às suas teorias.

Outro ponto muito importante, observado no início deste trabalho, está no fato de Freud nunca ter feito uma obra teórica específica para tratar do problema da depressão. Apesar de, diversas vezes, ter mencionado o termo, e de ter muitas vezes assimilado o termo melancolia à depressão, ainda assim foi interessante perceber esse ponto nos textos freudianos. Assimilando-se a ele, Lacan, por sua vez, também não abordou o assunto de forma direta, mas quando o fez, apontou que a depressão estaria ligada simplesmente ao fato de existir. Ou seja, é interessante perceber que na teorização lacaniana, o simples fato de existir em um mundo de linguagem já é motivo para ocorrer um sofrimento e até mesmo uma depressão.

Foi observado também que ainda existem psicanalistas que abordam a questão da depressão como uma doença, uma patologia, mesmo que já

exista literatura e estudos que falem o contrário, que distanciam a depressão da visão organicista e médica.

Ainda relembrando a primeira parte deste trabalho, observa-se que existe uma tentativa, mesmo na psicanálise, de abordar e agrupar os sintomas da depressão de um forma objetiva, mas isso se torna muito difícil, e essa dificuldade ocorre exatamente porque os conceitos envolvem a subjetividade dos sujeitos e da situação, tornando assim a tarefa de nomear os sintomas muito árdua.

Quanto às causas da depressão, pode-se verificar que, nas teorização freudiana há a menção de que a depressão ocorre por fatores internos e externos, ou seja, os fatores sociais influenciam para que a depressão ocorra. Porém, em sua obra, Freud nunca fez um estudo sobre essa relação específica que se dá entre depressão e sociedade.

Falando da segunda parte do trabalho, é pertinente lembrar o problema que foi abordado sobre a questão da nomenclatura e definições usadas para falar da sociedade atual. Muitos estudiosos defendem a idéia de uma pós-modernidade, e outros acreditam que ainda estamos na modernidade. Independente de qual termo usar, verifica-se que as definições são em muito parecidas, principalmente ao usar como base um modelo econômico, o capitalismo. Vale lembrar que esse sistema econômico por si só já traz características próprias diversas que em muito influenciam o atual momento social, como o consumismo. Adicionado a essa idéia, entram as características modernas, como o individualismo e a impessoalidade.

É importante também retomar como a noção do tempo (rápido) influencia o modo como as pessoas vivem e se relacionam. Esse tempo que

é influenciado também pela noção de tecnologia, que chegou como uma novidade para as massas, e que de certa forma termina por aprisionar e isolar as pessoas. Uma tecnologia, que, como foi visto, dá uma falsa sensação de satisfação, pois cria desejos falsos nas pessoas.

Na segunda parte do trabalho foi importante perceber que a modernidade, na sua relação com os sujeitos, termina por provocar o sofrimento psíquico. Então pode-se hipotetizar que hoje o movimento deste sofrimento, como a depressão, não mais parte do interno para o externo, e sim, em muitas das vezes faz o movimento inverso. Por isso pode-se dizer que hoje em dia as pessoas deprimem mais, ou que vivem com medo de deprimir. O modelo capitalista, como foi discutido no segundo capítulo deste trabalho, cria pessoas egoístas, auto-centradas e, portanto, pessoas solitárias, que não sabem relacionar-se e tem medo de fazê-lo. Neste ponto é possível lembrar a teoria freudiana de que frente a essa sociedade moderna, que isola, o sujeito passa a preferir segurança à tentativa de ser feliz, de se envolver.

Relembrando a terceira parte deste trabalho, nota-se que ao estudar a modernidade e a depressão, de forma separada, foi possível entender um pouco mais da peculiaridade de cada uma delas, segundo diversos autores. Porém, o mais importante de tudo isso é destacar que não é possível entender ou querer separar, na prática, uma da outra. O social e o sujeito estão entrelaçados de tal forma que não é possível entender um sem estudar o outro.

É importante lembrar Barbosa (2003), quando destaca que não estamos falando de uma nova depressão, mas o que é novo aqui é a forma como a depressão tem aparecido como maneira de expressão da

coletividade. O sujeito moderno tem se expressado por meio da psicossomática, já que não tem espaço para exercer sua individualidade, seus desejos na sociedade moderna. É uma sociedade que pode, como diz Sennet (1999), trazer muitos benefícios aparentes, mas que no final das contas termina por deixar o sujeito pressionado, sem muitas escolhas, pois é uma sociedade que incita tudo o que é superficial, não dando o espaço para o sujeito se aprofundar nas suas próprias questões.

Conforme já discutimos, é importante perceber que agora a depressão trata mais de uma perda de sentido, de uma falta de significado do sujeito com a vida. Frente às constantes mudanças sociais, o sujeito fica desamparado, suas ações e suas crenças perdem sentido em um lugar onde existe a ausência de certezas e valores. Esse movimento de ausência não fornece uma base necessária a todo sujeito para criar sua história. O sujeito não consegue se reconhecer numa sociedade com as características já descritas neste trabalho, e por isso se sente perdido e só, sem rumo, e aí deprime.

Exatamente por perceber todos esses pontos acima colocados como questões importantes a serem discutidas na atualidade, o nosso trabalho pode contribuir para ampliar a discussão, e mostrar que a psicanálise entra no meio dessa relação para ajudar o sujeito a lidar com essa sociedade e consigo mesmo e seus desejos, pois como já dizia Mendlowicz (2001), é uma sociedade que amplia as possibilidades de viver, mas ao mesmo tempo deixa o sujeito exposto a um maior desamparo, e em maior isolamento, difícil de suportar. A psicanálise entra no meio dessa interação para ajudar o sujeito, pois, como diz Roudinesco (2000), a psicanálise é única, pois faz com que o sujeito tenha consciência de seu próprio inconsciente, ou seja, o

sujeito freudiano assim é porque consegue *pensar seu inconsciente no seu próprio inconsciente* (p.120), e daí passa a ser livre pois aceita suas restrições e se reconstrói.

É importante abrir aqui um momento para discutir uma questão que surgiu no desenvolvimento do trabalho. Questão essa que pode vir a ser aprofundada em futuros trabalhos acadêmicos que possam vir a ser realizados. Essa questão diz respeito às pessoas que não deprimem. Isso porque, segundo a teorização freudiana, o sofrimento é inerente ao sujeito. Partindo desse pré-suposto, poderia ser feito um estudo para entender, porque, na modernidade, com todas as características já descritas, algumas pessoas não entram em depressão, ou não desenvolvem algum tipo de sofrimento psíquico. Ou o que muda na interação sujeito e sociedade de forma que este sujeito não alimente um suposto sofrimento psíquico despertado pelo meio em que vive, de forma a não deprimir.

Para finalizar, é importante ressaltar que, uma limitação do trabalho é que, devido a grande quantidade de livros, artigos e textos sobre o assunto, neste trabalho foi feita a tentativa de abordar as questões mais centrais de cada questão, porém muitos trabalhos pertinentes a questão não foram abordados, porém esses podem servir para contribuir em futuros trabalhos realizados pela dupla. No entanto, pode-se dizer que a discussão aqui proposta pode abrir caminhos para outras discussões futuras, e esse era um dos objetivos da dupla.

BIBLIOGRAFIA

American Psychiatric Association – APA. *DSM-IV - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Tradução: Dayse Batista. 4a.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

AMARAL, M. *No entrelaçamento da crise da subjetividade contemporânea com a crise da psicanálise*. São Paulo: Jornal da Psicanálise nº 58, 2003.

ANGST, J. (1999). *The epidemiology of depression*. In CAPITÃO, C.G. & MESQUITA, L.M. *A depressão em trabalhadores de uma frente de trabalho*. Santa Catarina: Revista de Psicologia da UNC, 2005.

BALLONE, G.J. & ORTOLANI, I.V. & PEREIRA NETO, E. *Da emoção à lesão*. São Paulo: Manole, 2002.

BAUMAN, Z. *Amor líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BARBOSA, S.R.C.S. *Qualidade de vida e subjetividade em sociedades complexas*. João Pessoa: GREM, 2003.

BERMAN, M. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade*. São Paulo: Global, 1984.

CAPITÃO, C.G. & MESQUITA, L.M. *A depressão em trabalhadores de uma frente de trabalho*. Santa Catarina: Revista de Psicologia da UNC, 2005.

CORDÁS, T.A. *Depressão: Bile Negra aos Neurotransmissores: Uma Introdução Histórica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

EBERT, M.H., LOOSEN, P.T. & NURCOMBE, B. *Psiquiatria: Diagnóstico e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

FÉDIDA, P. *Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia*. São Paulo: Escuta, 2002.

FENICHEL, O. *Teoria psicanalítica das neuroses*. São Paulo: Atheneu, 2000.

FERREIRA, V.R.T. *Psicoterapia e Pós-modernidade: problemas da subjetividade e da psicologia clínica no contemporâneo*. Santa Catarina: Revista de Psicologia da UNC, 2005.

FREUD, S. (1912). *Luto e Melancolia*. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. (1927). *O futuro de uma ilusão*. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: vol.21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1939) *Moisés e o monoteísmo*. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: vol.23. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1930). *O mal estar na civilização*. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. (1895). *Rascunho A*. In MASSON, J.M. *A correspondência Completa de S. Freud e W, Fliess (1887 – 1904)*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, S. (1895). *Rascunho B*. In MASSON, J.M. *A correspondência Completa de S. Freud e W, Fliess (1887 – 1904)*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FUCKS, L.B. *Desafios para a psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2000.

FUENTES, M.J.S. *Depressão: da psiquiatria à psicanálise*. São Paulo: Tese de Mestrado USP, 1999.

GARCIA, C. A. *Mutações do Superego*. Rio de Janeiro: Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico, 1999.

GEBEROVICH, F. *La filiation au temps de l'ecstasy. Psychanalyse, drogue et culture*. Argentina: Letra Viva, 2005.

GRAEF, F.G. & BRANDÃO, M.L. *Neurobiologia das Doenças Mentais*. São Paulo: Lemos Editorial, 1993.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1993.

HOLMES, D. S. *Psicologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

JIMENEZ, S. *Depressão e melancolia*. In ALMEIDA, C.P. & MOURA, J.M. *A dor de existir*. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1997.

KEHL, M.R. *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KEHL, M. R. *Uma existência sem sujeito*. São Paulo: Caderno Mais Folha de São Paulo, nº 571, 2003.

KRAEPELIN, E. *La folie maniaque-dépressive*. Tradução: Geriges Poyer. Rio de Janeiro: Jérôme Million, 1883.

LACAN, J. *Os complexos familiares*. In MENDLOWICZ, E. *Psicanálise e contemporaneidade: A dor da solidão*. São Paulo, Estados Gerais da Psicanálise, 2001.

LAFER, B., ALMEIDA, O.P. & FRÁGUAS JUNIOR, R. *Depressão no Ciclo de Vida*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

LEFÉBVRE, H. *O marxismo*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

LEMOS, A.I.G. *Geografia da Modernidade e da Pós-Modernidade*. In *Geosp Espaço e Tempo*. Revista da Pós-Graduação em Geografia. São Paulo, USP, n. 5, julho, 1999.

MARIN, I.K. *Instituição e Violência, violência nas instituições*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MASSON, J.M. *A correspondência Completa de S. Freud e W, Fliess (1887 – 1904)*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MENDLOWICZ, E. *Psicanálise e contemporaneidade: A dor da solidão*. São Paulo, Estados Gerais da Psicanálise, 2001.

MOREIRA, R. *Pós-Modernidade e o Mundo Globalizado do Trabalho*. In *Revista Paranaense de geografia*, n.2, p. 48–57, 1997.

PATTO, M. H. S.. *O conceito de cotidianidade e a pesquisa em educação*. In *Perspectivas* v. 16, p. 134-141. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1993.

RAULET, G. *Marxism and post-modern condition*. In *Pós-modernidade: dois resumos*. Rio de Janeiro: Telos, 1986.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SANTOS, J.F. *O que é o pós-moderno*. Rio: Brasiliense, 1986.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SENNET, R. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, A.O. *As novas formas de sofrimento*. Revista espaço acadêmico, N°. 35, São Paulo, 2004.

SIQUEIRA, H.S.G. *Globalização e autonomia - limites e possibilidades*. Santa Maria: Jornal "A Razão", 26 set. 2002.

SOLOMON, A. *O demônio do meio dia – uma anatomia da depressão*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

TASCHNER, G.B. *A pós-modernidade e a sociologia*. In: Revista USP, São Paulo. N.42, p. 6-9, julho/agosto, 1999.

ULHÔA, M.E. *Estados depressivos na histeria e na neurose obsessiva*. São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise, 1994.

WINNICOT, D.W. (1896) *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

ZIMERMAN, D.E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.